CERÂMICA PINTADA A BRANCO DE LISBOA

Ana GOMES

SUMMARY: The archaeological excavations that have taken place in the Islamic city of Lisbon, allow us to identify, in the world of the so-called coarse pottery of Islamic times, a production, by their own technological characteristics – the painting ware productions. This is the typical ceramic from the last Islamic period, it remains on the Christian conquer and disappears probably in the 13th century.

Introdução

Este trabalho insere-se no âmbito de um projecto de estudo das produções de cerâmica da cidade de Lisboa desde a alta idade média até ao século XV-XVI nas vertentes arqueológica e arqueométrica.

As escavações arqueológicas que têm vindo a decorrer no centro histórico de Lisboa – Colina do Castelo – têm permitido identificar um vasto conjunto de materiais que se reportam à época em estudo. Partindo de um critério meramente tecnológico, isolámos, do conjunto das cerâmicas pintadas, um grupo de cerâmicas, muito típicas nesta cidade – a cerâmica com pintura a branco.

Os materiais aqui apresentados provêm de 3 escavações: Praça Nova do Castelo de São Jorge, Beco do Forno e Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (Fig.1).

Este conjunto de cerâmica, relativamente coeso foi identificado em áreas funcionais bastante diversas, como sejam, os contextos ocupacionais identificados no bairro islâmico do Castelo, como as diversas fossas do Beco do forno – ambos situados na alcáçova da Lisboa islâmica – ou ainda a sua presença em contextos ocupacionais e/ou silos/fossas na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva localizada "fora de portas" da cidade islâmica, situada junto às *portas do sol* uma das principais vias de acesso à cidade.

A presença desta cerâmica regista-se um pouco por toda a cidade: Desde a actual baixa pombalina, que se encontraria fora dos limites da cidade muçulmana na zona artesanal onde foram identificados fornos – Mandarim Chinês (Bugalhão, Folgado 1997); na Rua dos Correeiros em contextos de ocupação que correspondem a compartimentos, a um forno de cerâmica, alguns silos, fossas e áreas de armazenamento – Edifício do BCP; na Rua dos Correeiros propriamente dita aparece este tipo de cerâmica associado a outro tipo de espólio; no actual bairro da mouraria, um provável bairro dos arrabaldes da cidade muçulmana onde foram detectados silos (Amaro 1998).

Embora se trate de um tipo de cerâmica bastante usual no território português e poderíamos ir buscar como paralelos locais próximos – Santarém ou Palmela – ou mais distantes como Mértola ou mesmo outras zonas peninsulares sem que se verifiquem grandes diferenças morfológicas ou decorativas; no entanto o estudo macroscópico das pastas parece apontar para uma produção local de satisfação das necessidades da cidade tal como o parecem comprovar os fornos acima citados.

Aguardamos os resultados dos estudos laboratoriais para que se possa esclarecer alguns dos problemas acima referidos.

OS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

As cerâmicas provenientes do bairro islâmico do Castelo surgiram no contexto das 3a, 4a e 5a fases de ocupação do

Fig. 1. Planta de localização dos sítios.

Fig. 2. Aspecto geral do bairro islâmico.

Fig. 3. Pormenor da área de combustão.

bairro (Fig. 2), cuja cronologia parece apontar para uma data, algures em meados do século XI, onde esta cerâmica surge sobretudo em áreas, compartimentos, cuja funcionalidade parece corresponder a áreas de cozinha (Gaspar, Gomes 1997): Num destes compartimentos foram identificados sobre uma área de combustão fragmentos de uma panela e uma jarrinha esta última praticamente intacta (Fig. 3).

Estas cerâmicas muito comuns nas 3ª e 4ª fase de ocupação, começam a tornar-se menos comuns na 5ª fase de ocupação (Gaspar, Gomes 1997). Um outro contexto, também importante corresponde ao abandono definitivo do bairro, como zona residencial entre finais do século XIII/inícios do século XIV, época na qual a produção cerâmica, em Lisboa, adquire características tecnológicas completamente diferentes (Gaspar 1996).

As fossas do Beco do Forno (Fig. 4) correspondem a contextos fechados, cujo entulhamento parece ter sido efectuado de uma só vez, patente na identificação de uma única camada na qual os fragmentos das cerâmicas se encontravam espalhados desde o topo até à base da fossa.

Acresce ainda o facto de as formas identificadas nestes contextos serem tipos semelhantes aos que provêm dos restantes contextos estudados.

As cerâmicas provenientes das escavações realizadas na Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (Fig. 5) pertencem a contextos das 2ª, 3ª e 4ª fases de ocupação (Gomes, Sequeira 1997). Assim regista este tipo de cerâmica desde meados do século XI até pelo menos até ao 1º quartel do século XIII.

Fig. 4. Aspecto geral dos silos/fossas.

Fig. 5. Aspecto geral da estrutura habitacional.

OS FABRICOS

Para o estabelecimento dos fabricos preliminares por comparação das pastas procedeu-se à classificação macroscópica (com lupa manual - 8X). Ainda no âmbito desta análise foram feitas amostras das cerâmicas que serão objecto de estudos laboratoriais (DRX; petrografia; e Activação de neutrões). O objectivo destas análises tem uma dupla vertente: a confirmação ou não dos fabricos estabelecidos macroscopicamente e por outro lado o estudo das proveniências

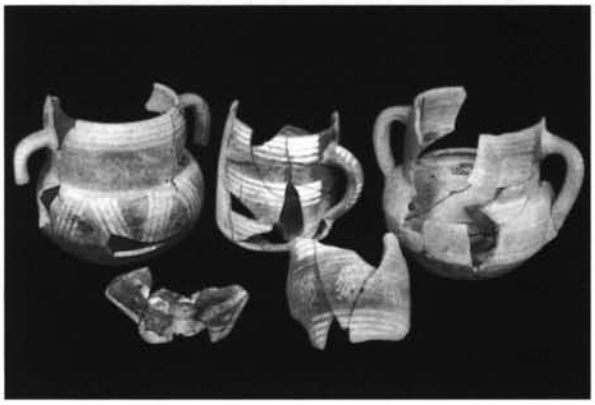

Fig. 6. Cerâmicas pintadas a branco.

Fig. 7. Cerâmicas pintadas a branco.

que será decisivo no estabelecimento do tipo de produção e da existência ou não de circuitos de produção mais alargados.

A análise destas cerâmicas permitiu-nos distinguir 4 fabricos.

Todos os fabricos parecem característicos das pastas da região de Lisboa, de provável produção local; esperamos que os estudos de proveniência nos esclareçam sobre o tipo de produção da cerâmica pintada.

Num exame macroscópico verifica-se a abundância de quartzos; algumas micas muito dispersas; pequenos fragmentos de cerâmica rolada e ainda algumas biotites.

Os fabricos 1, 2 e 3 têm pastas menos depuradas. No entanto, o fabrico 1 apresenta acabamentos mais cuidados que os restantes.

A pasta do fabrico 4 é a que apresenta menor cuidado no acabamento final sendo também menos depurada.

De modo geral as superfícies quando não são polidas são bem alisadas.

AS CERÂMICAS

Serviço de Mesa e Cozinha

Incluímos nesta categoria as formas que constituem a loiça de mesa (Fig. 6, 7). Deste conjunto apenas os copos não apresentam vestígios de terem sido utilizados no fogo pelo que optámos por acrescentar a designação cozinha para as formas como as jarrinhas e os pucarinhos que aparecem umas vezes com vestígios de terem sido usadas no fogo e outras sem quaisquer vestígios.

COPOS

Estes copos destinavam-se a beber líquidos.

A forma é caracterizada por paredes rectas, ligeiramente reentrantes no bordo, carena junto ao fundo e 1 asa.

As suas dimensões são bastante regulares com um diâmetro do bordo que varia entre 8,6 e 9,2 cm e com uma altura com cerca de 13 cm.

A peça pode ser totalmente decorada até à carena, com séries de 4 linhas horizontais pintadas (Fig. 8.1, 8.2) ou apresentar linhas ou motivos ondeados combinados com conjuntos de 3 linhas paralelas (Fig. 8.3, 8.4). Algumas caneluras finas decoraram as paredes antes de serem pintadas. A asa identificada de secção oval (Fig. 8.1) foi decorada com 3 séries de 4 traços.

JARRINHAS

As jarrinhas destinavam-se a beber líquidos e dado o aparecimento de vestígios de terem sido utilizados no fogo terão também sido utilizados na cozinha.

As jarrinhas são formas comuns que se caracterizam por ter um colo alto ligeiramente arqueado, bojo globular, fundo plano e duas asas que arrancam da parte superior do colo e rematam a meio da pança. As asas apresentam uma secção arredondada.

As dimensões destas peças são muito regulares variando os diâmetros entre os 12 e 13 cm; a altura é de 15 cm e o diâmetro do fundo é de 8 ou 9 cm. Apenas um exemplar apresenta uma altura ligeiramente superior – 17 cm, a que corresponde um diâmetro de 14,6 cm.

Os colos apresentam uma decoração na horizontal constituída por séries de 3 ou 4 traços, linhas ondeadas (Fig. 8.5, 8.7) e motivos verticais constituídos por linhas curvas (Fig. 8.6).

A pança é apenas decorada na sua parte superior com séries de 4 traços verticais (Fig. 8.5-8.7).

As asas podem apresentar um ou mais conjuntos de vários traços (Fig. 8.5-8.7).

JARRINHO

Os jarrinhos destinavam-se a beber líquidos e dado o aparecimento de vestígios de áreas queimadas terão sido utilizados no fogo e portanto, utilizados na cozinha.

Este tipo apresenta um bordo em pequena aba horizontal e paredes com pontos de inflexão bem marcados: a base do colo, também ligeiramente arqueado, é estrangulada; no

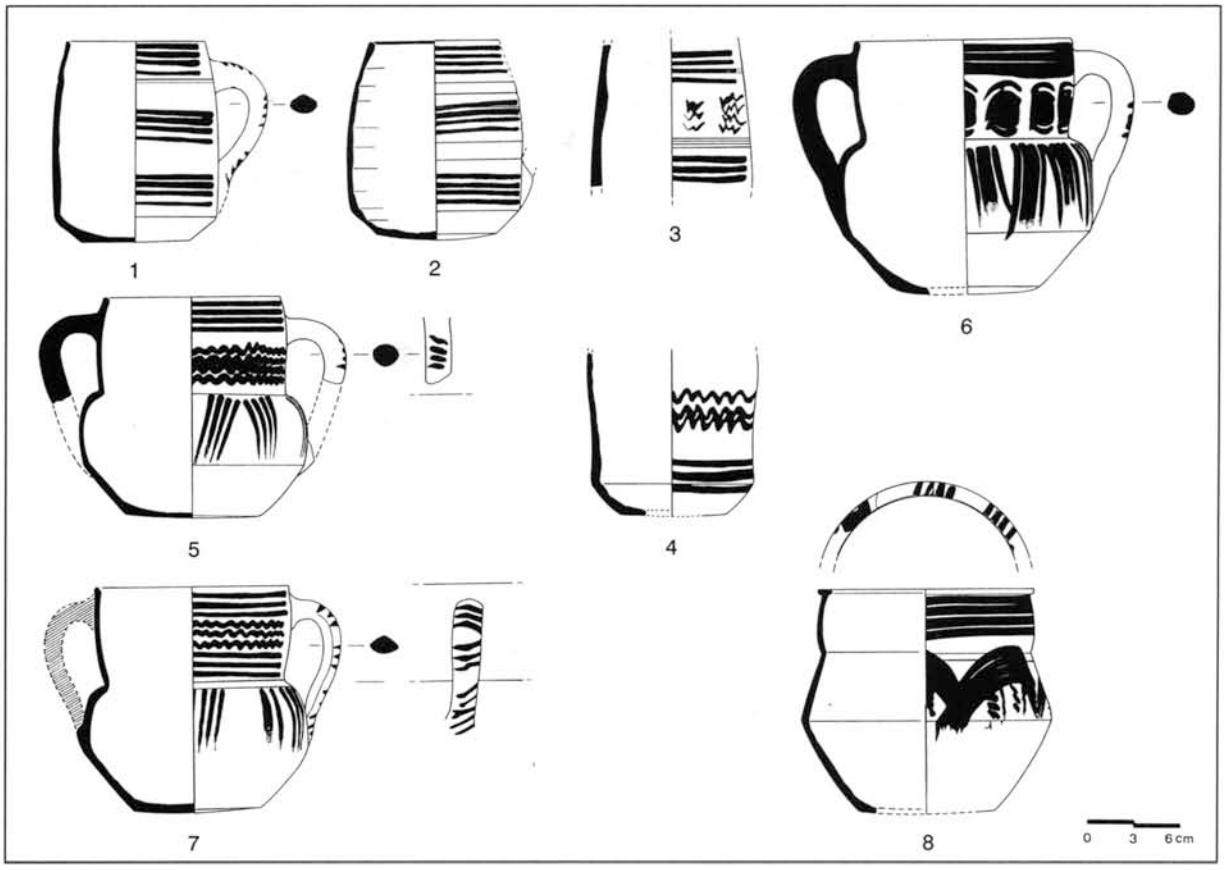

Fig. 8. Cerâmicas pintadas a branco.

bojo a inflexão é marcada por uma carena (Fig. 8.8). Este exemplar deveria ter uma asa.

Este tipo apresenta uma decoração mais elaborada com meios círculos de 4 traços que se sobrepõem parcialmente a uma alternância de uma linha vertical com 3 traços curtos oblíquos. O bordo desta peça, dada a sua morfologia, foi decorado por séries de 4 traços.

PUCARINHOS

Estes pucarinhos destinavam-se a beber líquidos e dado o aparecimento de vestígios de terem sido utilizados no fogo foram também utilizados na cozinha.

Estas peças caracterizam-se por um colo alto rematado por um bordo simples que pode ser ligeiramente esvasado; o corpo é globular, o fundo plano e tem uma asa de rolo que arranca do bordo.

O diâmetro do bordo varia pouco – entre 8,4 e 9,5 cm – assim como a altura – 9,8 e 10,5 cm (Fig. 9.1, 9.2).

Esta forma aparece decorada com uma série de 3 traços horizontais no colo e na pança ou com pinceladas largas também horizontais. A asa ilustrada foi decorada por uma simples pincelada (Fig. 9.2).

POTE

Os potes de menores dimensões admitem utilizações muito variadas quer de armazenamento e conserva de alimentos.

O pote ilustrado é de dimensões médias com bojo globular e bordo triangular.

A ligação do colo ao bojo é marcada por uma canelura. Sobrepõe-se-lhe 4 traços horizontais pintados de comprimento variado que se localizam no colo. A pança é decorada por 4 linhas ondeadas e por 4 traços horizontais (Fig. 9.3).

TIGELAS E TAÇAS

Estas peças destinavam-se a serviço de mesa e cozinhar alimentos (caso das taças) algumas com sinais de uso intenso no fogo.

As taças caracterizam-se por se tratar de formas baixas – 6,5 cm no exemplar de perfil completo – paredes arqueadas e bordo bem reentrante.

Os diâmetros variam entre os 23,4 e os 30,6 cm. Apresentam uma decoração no bordo com séries de 4 traços (Fig. 9.6) ou de conjuntos de duas séries de 3 traços (Fig.

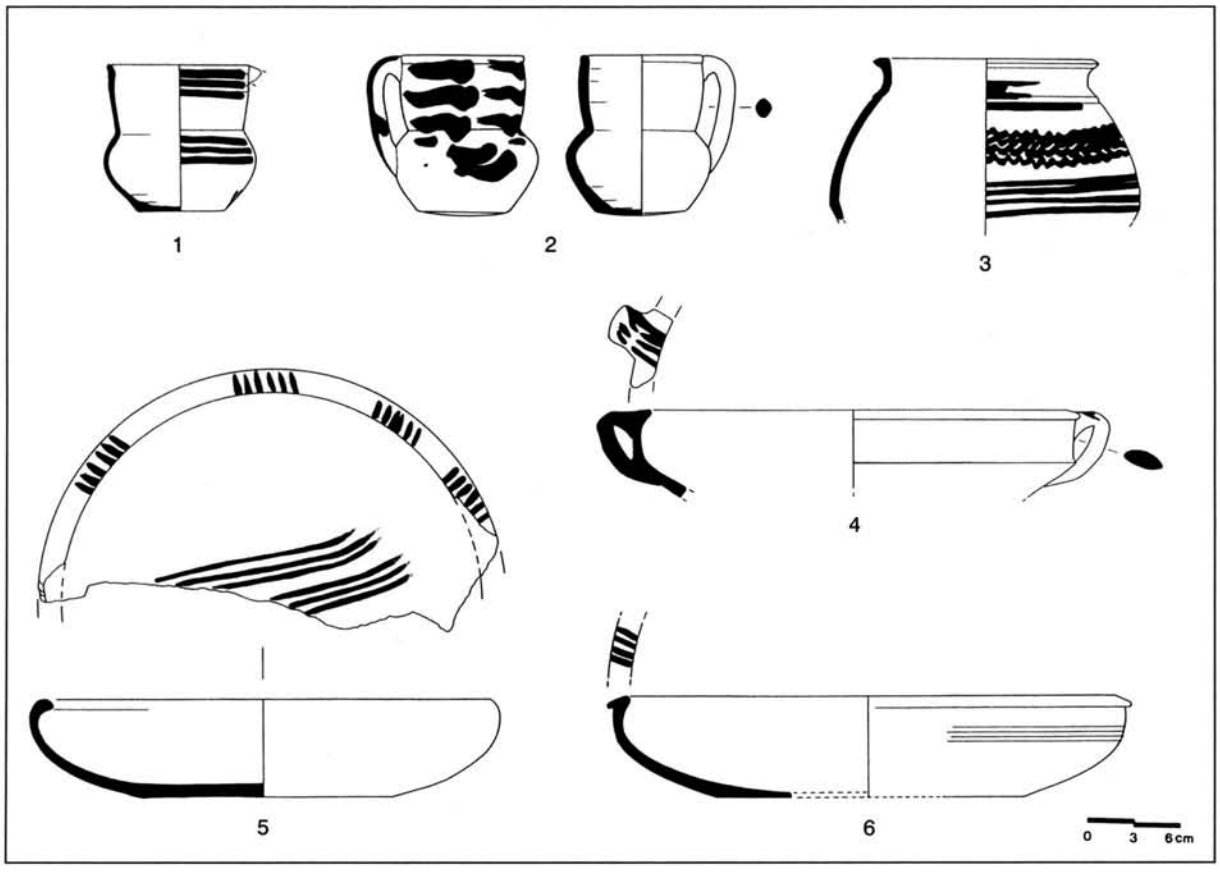

Fig. 9. Cerâmicas pintadas a branco.

10.2); o fundo também pode ser decorado, repetindo o motivo, mas em linhas mais compridas (Fig. 9.5). Nas tigelas a forma é mais funda que os anteriores – entre 6,9 e os 9 cm aproximadamente, com paredes arqueadas e bordos em pequena aba curta, horizontal ou ligeiramente inclinada para o exterior. Os diâmetros variam entre os 12,7 e os 16,5 cm sendo este exemplar de maiores dimensões proporcionalmente mais baixo que os restantes (Fig. 10.1, 10.2).

As abas foram decoradas com séries de 4 traços, parecendo no seu conjunto formar uma composição decorativa (Fig. 10.2). As paredes podem apresentar, na sua parte superior, algumas linhas incisas que, no 1º exemplar, enquadram uma linha incisa, irregularmente ondulada (Fig. 10.2).

Algumas destas formas apresentam um engobe vermelho na parede interna que se apresenta polido.

BILHA TRILOBADA

Estas bilhas dadas as suas dimensões poderiam ter uma dupla funcionalidade sendo utilizadas para o armazenamento de líquidos e irem à mesa.

O bordo desta forma é trilobado, o colo bem delineado e o corpo apresenta uma carena baixa marcada por incisão. A asa parte do colo, abaixo do bordo e remata na carena (Fig. 11.3).

O diâmetro do bordo é de 9,8 e a altura 18,3 cm.

A decoração da parte superior da pança alterna dois motivos: séries de 4 traços verticais e conjunto de círculos que se intersectam; o colo apresenta 4 traços horizontais e no bordo e na asa repetem-se os 4 traços.

Serviço de cozinha

FRIGIDEIRAS

As frigideiras têm funções especificamente culinárias e apresentam intenso uso no fogo.

Estas peças caracterizam-se por terem bordos rectos, asas ovais e aplanadas que partem do bordo e terminam na carena; o corpo é carenado; o fundo pode ser plano ou levemente abaulado.

O interior pode apresentar um engobe castanho avermelhado e brunimento intenso fortemente polido, ou em alternativa, um forte polimento quando se trata de exemplares em que as superfícies apresentam uma tonalidade quase negra.

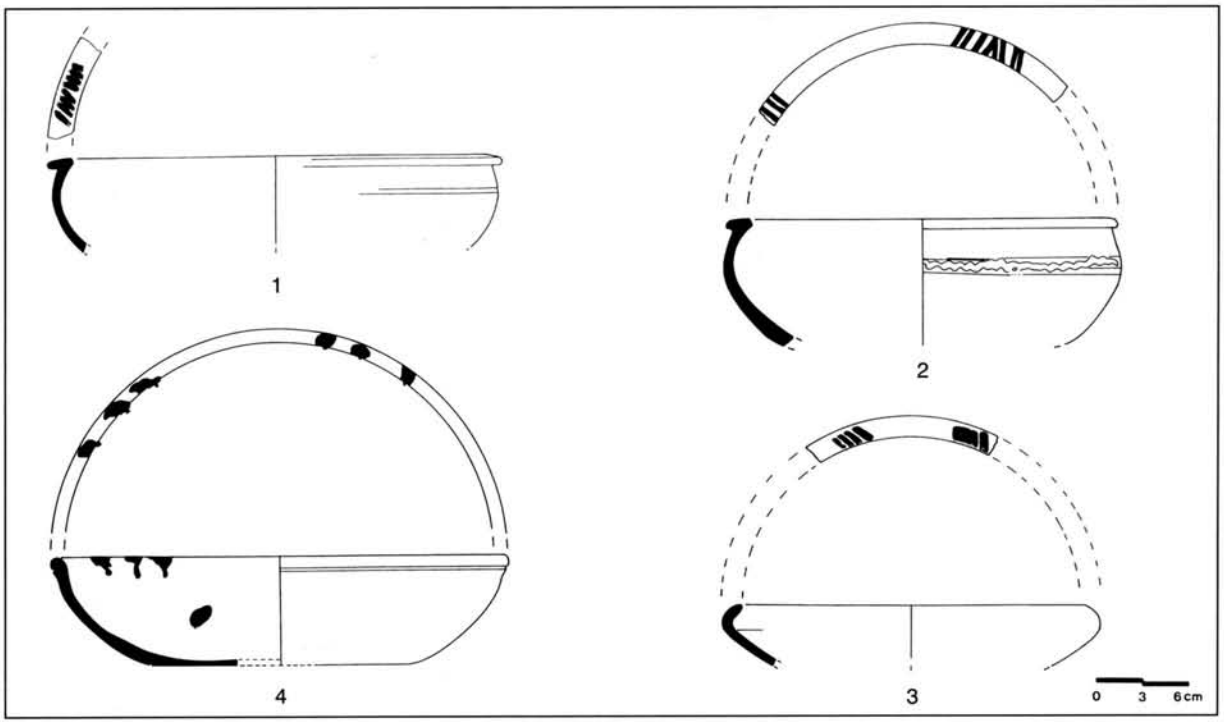

Fig. 10. Cerâmicas pintadas a branco.

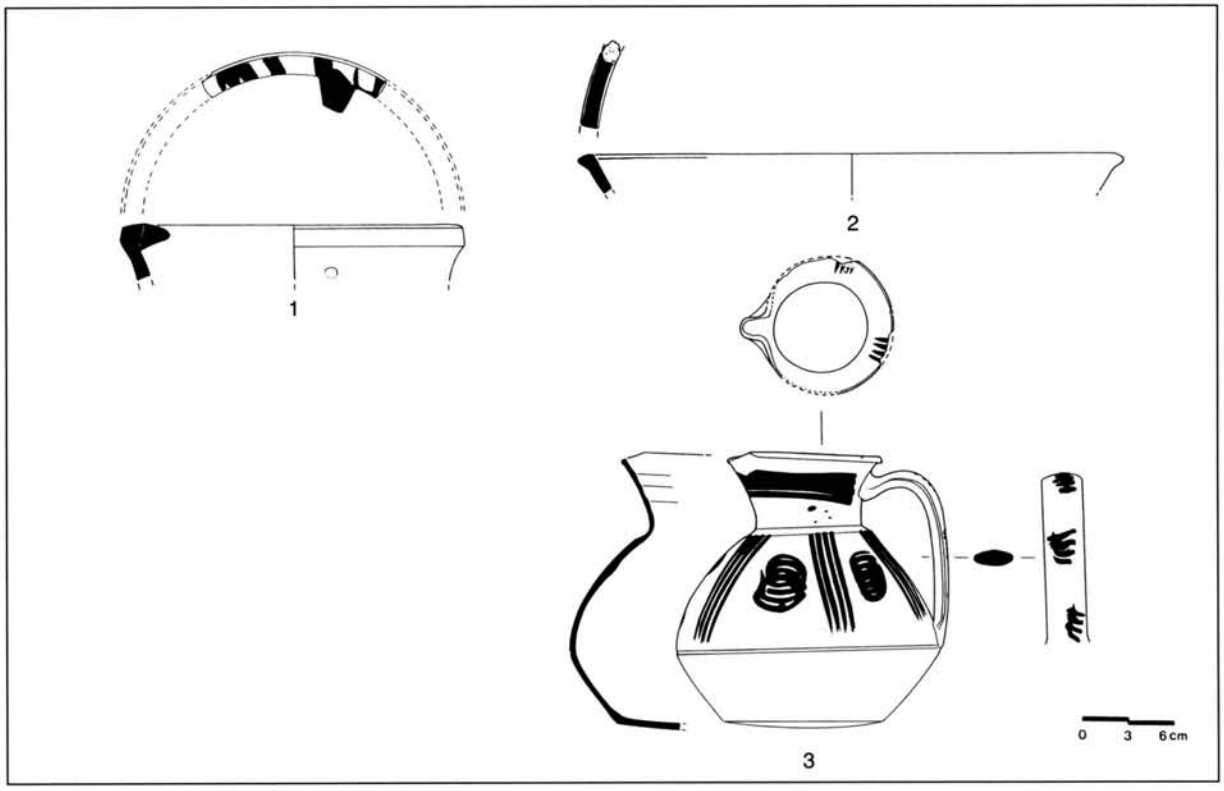

Fig. 11. Cerâmicas pintadas a branco.

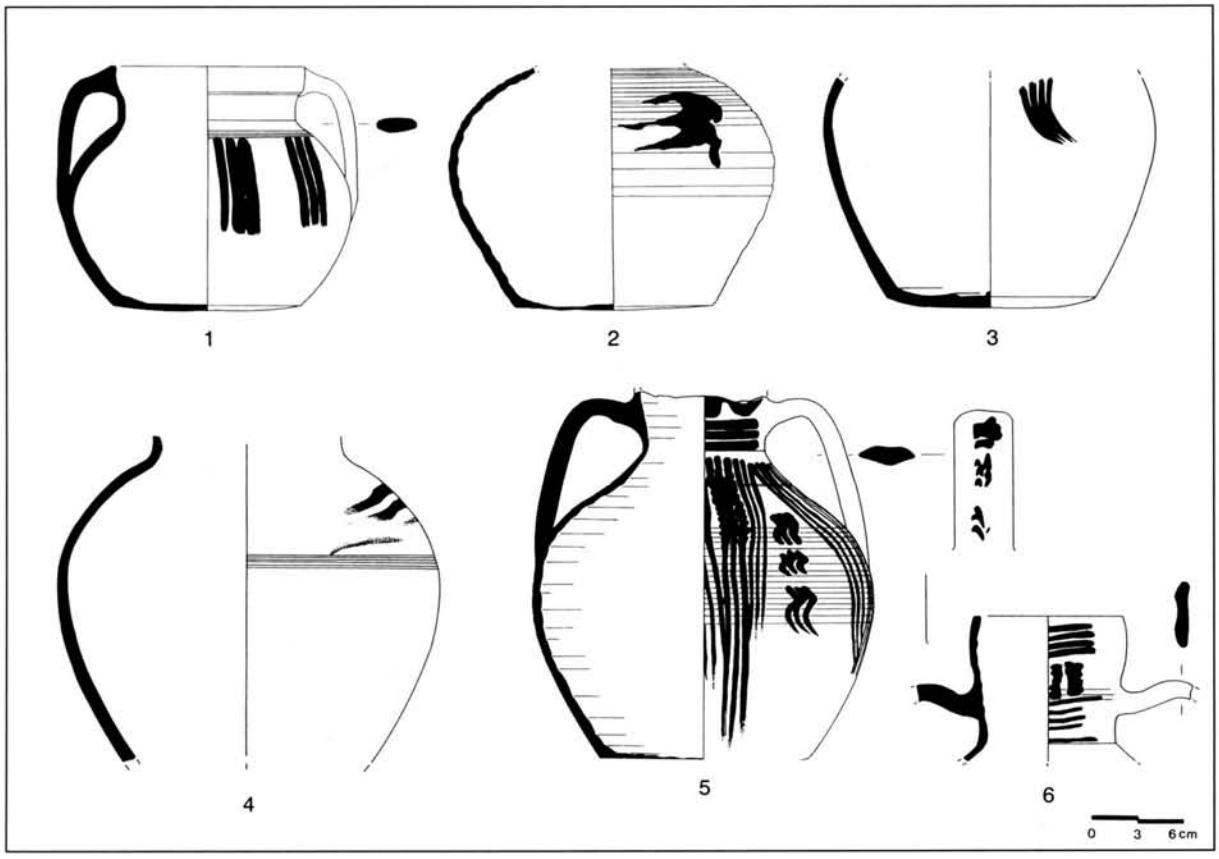

Fig. 12. Cerâmicas pintadas a branco.

A decoração é comum às das grandes formas abertas e apresentam decoração em conjuntos de traços diagonais paralelos entre si, sobre o bordo. As asas apresentam traços semelhantes, apenas mais longos, de modo a decorarem a parte superior da asa (Fig. 9.4).

PANELAS

Utilizadas na cozinha para confeccionar alimentos.

A nível das panelas foram identificados dois tipos de panelas.

Um tipo, de perfil completo, (Fig. 12.1) apresenta um bojo globular, colo bem demarcado e bordo ligeiramente reentrante. Apresenta duas asas em fita. O diâmetro do bordo e do fundo são praticamente idênticos – 13 cm – para uma altura de 16,3 cm.

O outro tipo, mais representado caracteriza-se pelo corpo ovóide e pelo fundo plano que na ligação com a parede é ligeiramente abaulado (Fig. 12.2).

As dimensões dos fundos variam pouco – 6,5 a 7 cm. A altura apresenta maior variação dando à peça um aspecto mais ou menos atarracado.

Estas peças são pouco decoradas podendo apresentar na parte superior do bojo um motivo repetido constituído por 3 ou 4 traços, por vezes em forma de meia lua. São ainda utilizadas incisões ou caneluras que podem preencher a parte superior do bojo ou localizar-se apenas na zona de inflexão.

As asas apresentam decorações muito variadas desde as séries de 3 ou 4 traços até a uma simples banda larga que ocupa a área central da asa.

A base do colo é marcada por finas caneluras sendo a parte superior do bojo decorado com séries de 3 traços verticais (Fig. 12.3).

Serviço de armazenamento

CÂNTAROS

Armazenamento de líquidos.

Foram identificados dois tipos de cântaros.

O 1º, mais completo, (Fig. 12.5) apresenta um colo alto de onde arrancam 2 asas sobre-elevadas, que rematam a meio do bojo ovóide; o fundo é ligeiramente abaulado na ligação com as paredes e apresenta um diâmetro de 14 cm. O diâmetro do bordo deve ser aproximadamente 8 cm; a altura preservada é de 25 cm.

A peça foi inicialmente decorada por uma decoração

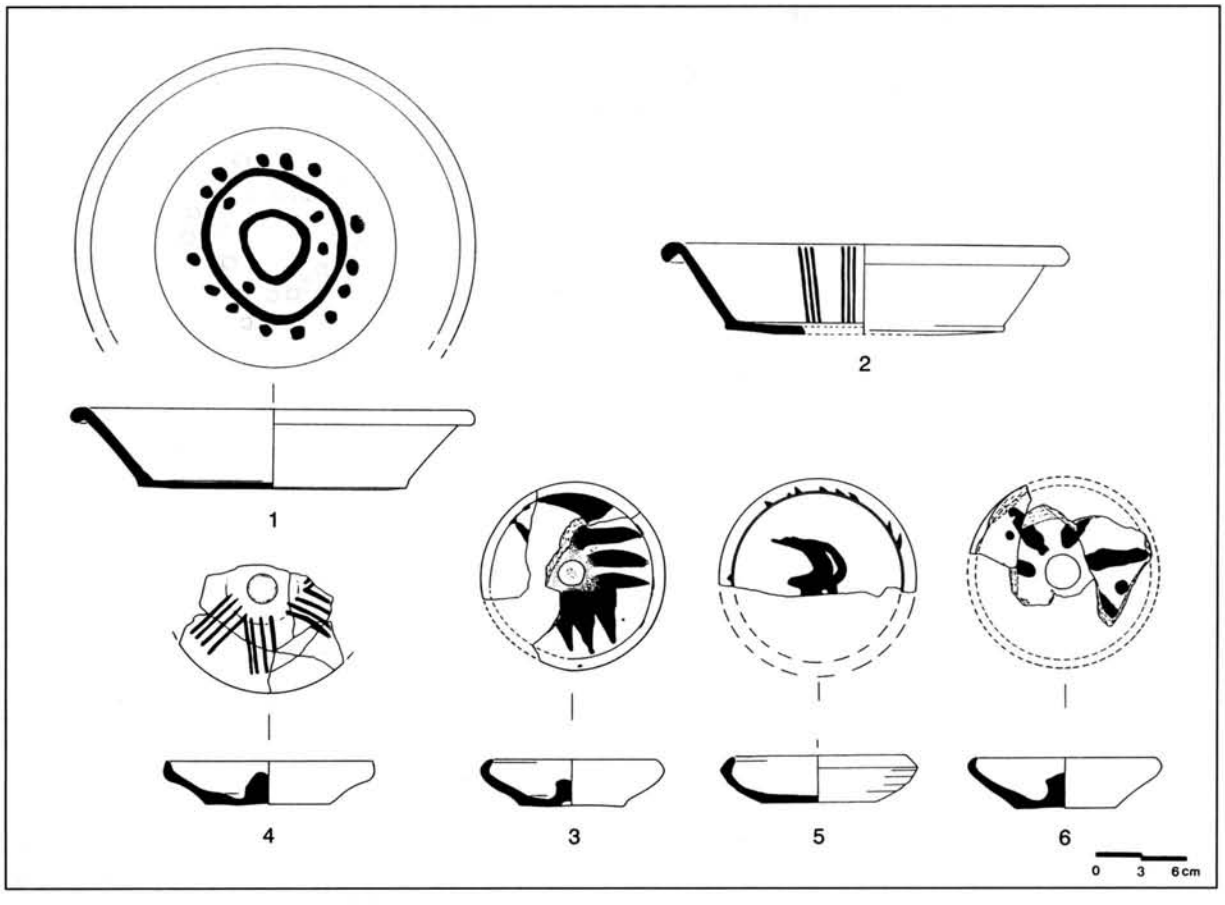

Fig. 13. Cerâmicas pintadas a branco.

incisa localizada na base do colo e na parte superior do bojo, delimitando duas áreas de decorações distintas. A esta decoração sobrepõe-se a pintura: o colo apresenta 3 traços horizontais paralelos e é visível parte de uma linha ondeada. A decoração do bojo é constituída por 3 conjuntos de 3 traços verticais, sendo que o conjunto central é ondeado na sua parte superior. O espaço entre estas bandas foi decorada por 3 séries verticais de 3 traços em forma de S invertido.

A asa alterna conjuntos de traços curtos horizontais e ondeados.

O segundo tipo, ilustrado por um único exemplar, apresenta um colo muito alto, de bordo reentrante e asas sobreelevadas e largas.

O colo é decorado por séries de 4 traços curtos horizontais que enquadram dois motivos verticais (Fig. 12.4).

Outras formas

ALGUIDARES

Estes tipos caracterizam-se pelas múltiplas funções a que se podem destinar – lavagem; amassar o pão, higiene pessoal, etc.

Peças de perfil tronco-cónico, bordo em forma de aba ligeiramente espessado e revirado para o exterior. O fundo pode ser plano ou ligeiramente abaulado, sendo a ligação deste com a parede bem delineada.

São peças de grandes dimensões atingindo os 52 cm e com alturas que variam entre os 10,6 e os 12 cm. Também aparecem formas de menores dimensões com diâmetro de 35 cm; o bordo é triangular e decorado com linha larga pintada.

Estes alguidares apresentam um tratamento da parede interna que pode ser engobada a vermelho e depois polida ou ser simplesmente bem polida.

A decoração pintada na parede externa do 2º exemplar é constituída por séries de 3 linhas verticais e paralelas entre si (Fig. 13.2). No 1º é constituída por dois círculos concêntricos irregulares, circundados por pontos a cheio (Fig. 13.1).

FOGAREIRO

Trata-se de um fragmento de bordo e arranque de parede de fogareiro. Desta forma foram apenas identificados

dois exemplares. O fogareiro ilustrado apresenta 22 cm de diâmetro. Da parede interna do bordo destacam-se as áreas onde assentavam as peças. Estas são totalmente pintadas a branco e o bordo apresenta uma série de traços dispostos de forma irregular, embora se identifique um conjunto de 4 traços (Fig. 11.1).

O segundo exemplar, não ilustrado, não apresenta decoração pintada.

TAMPAS

As tampas eram utilizadas para cobrir panelas ou cântaros.

Encontraram-se dois tipos de tampas: o primeiro, representado por 3 exemplares, é caracterizado por apresentar um botão de preensão central, paredes oblíquas e bordo bem reentrante (Fig. 13.3, 13.4 e 13.6).

Uma 4 tampa apresenta o fundo plano, o bordo triangular reentrante e não tem botão de preensão (Fig. 13.5).

As dimensões destas são muito idênticas variando entre 11 e 13 cm, de diâmetro e entre 3 e 5 cm de altura.

As paredes internas aparecem decoradas com motivos diversos, 2 formados por grupos de 3 traços que se podem entrecruzar. Um terceiro exemplar parece ter sido decorado com um motivo raiado constituído por traços que podem alternar com um ponto a cheio. O 4º exemplar também corresponde a um motivo raiado constituído por séries de 4 traços paralelos entre si.

DISCUSSÃO

Este trabalho corresponde a um 1º estudo sobre a produção de cerâmica pintada a branco da cidade de Lisboa. Trata-se de um conjunto representativo, sobretudo da alcáçova da cidade, mas que não é muito diferente do que aparece na medina e nos bairros que formavam o arrabalde – tendo em conta as escavações que decorrem actualmente na cidade – embora não tenhamos a pretensão de conhecer todas as formas pensamos ser possível caracterizar em termos genéricos esta produção:

– Grande variedade formal cobrindo uma vasta área de serviços desde a cozinha até à iluminação, incluindo pequenas bilhas, pequenas garrafas, tacinhas, candis, pequenos cântaros.
– A variedade decorativa tem a ver sobretudo com a profusão da decoração, uma vez que os oleiros recorrem basicamente a formas geométricas a partir das quais formam variadas composições. Assinala-se as séries de linhas paralelas, linhas ondeadas, as séries de pequenos traços paralelos sobre os bordos.
– A nível tecnológico identificaram-se apenas 4 fabricos; denota-se alguma dificuldade de controle das temperaturas de cozedura; as pastas apresentam-se pouco depuradas e com grande quantidade de elementos não plásticos associados, embora normalmente às menores ou maiores dimensões das formas correspondam, respectivamente, pastas mais ou menos depuradas.
– A nível morfológico regista-se as paredes pouco espessas de algumas formas – panelas – os corpos com caneluras no ombro e a até meio do bojo bem como os fundos planos levemente abaulados junto à parte baixa do corpo.
– Os tipos mais comuns a nível das formas fechadas parecem ser as jarrinhas, os copos, e a nível das formas abertas, as frigideiras. Regista-se ainda a presença de poucas panelas.

Estas cerâmicas surgem normalmente associadas a cerâmica comum (em pouca quantidade) e a cerâmica vidrada: tigelas meladas com decoração a óxido de manganês – flores de lótus e os círculos concêntricos; os vidrados melados, esverdeado escuro e os melados escuros; regista-se ainda a presença das grandes taças carenadas com séries de estampilhas no interior de uma cartela circular que delimita o fundo; as grandes talhas estampilhadas sem vidrado e ainda alguns fragmentos de corda seca, corda seca parcial e vidrados parciais.

De acordo com os contextos identificados poderíamos apontar para uma cronologia entre meados do século XI e inícios do século XIII para a duração desta produção, embora possamos admitir que a mesma possa ter-se iniciado mais cedo deverá ter sido abandonada provavelmente no 1º quartel do século XIII.

Embora formalmente se possam atribuir a algumas formas uma cronologia califal, pensamos que se poderá colocar como hipótese de trabalho a existência em Lisboa de uma cerâmica comum com características que poderão morfologicamente corresponder a um califal tardio mas que ao nível das restantes produções cerâmicas parece apontar para uma produção que se estende até ao final da ocupação islâmica da cidade 1147, prolongando-se até pelo menos aos inícios do século XIII.

BIBLIOGRAFIA

Amaro 1998 : AMARO (CL.). – Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível, *in: Portugal Islâmico – Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa 1998, 61-71.

Bugalhão, Folgado 1997 : BUGALHÃO (J.), FOLGADO (D.). – O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira, *in: Actas do Colóquio: Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos, Arqueologia Medieval* 7, Porto 1997, 111-145.

Fernandes, Carvalho 1997 : FERNANDES (I.C.), CARVALHO (A.R.). – Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Palmela, *in: AIECM2* VI, 327-335.

Gaspar, Gomes 1997 : GASPAR (M.A.), GOMES (A.M.). – Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos no Castelo

de S. Jorge, *in: Actas do Colóquio: Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos, Arqueologia Medieval* 7, Porto 1997, 95-103.

Gomes, Sequeira 1997 : GOMES (A.M.), SEQUEIRA (M.J.). – Continuidades e descontinuidades na arquitectura doméstica do período islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa: Escavações arqueológicas na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, *in: Actas do Colóquio: Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos, Arqueologia Medieval* 7, Porto 1997, 103-111.

Gómez Martínez 1998 : GÓMEZ MARTÍNEZ (S.). – A cerâmica no Gharb al-Ândalus, *in: Portugal Islâmico – Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa 1998, 121-131.

Rosseló Bordoy 1991 : ROSSELÓ BORDOY (G.). – *El nombre de las cosas en al-Andalus: una propuesta de terminología cerámica*, Palma de Maiorca 1991.

Zozaya 1980 : ZOZAYA (J.). – Aperçu général sur la céramique espagnole, *in: La ceramique médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe-XVe siécles*, C.N.R.S., Paris 1980, 265-296.